**Dr. David Turner, Matthew   
Aula 11A – Mateus 24:32-25:46: O Discurso Escatológico**

Saudações. Aqui é David Turner. Bem-vindos à Aula 11a, nossa segunda aula sobre o Discurso do Monte das Oliveiras, onde retomamos o capítulo 24 , versículo 32 e seguimos para o final do discurso, no final do Capítulo 25.

Nossa última palestra terminou abruptamente com uma discussão sobre se os preteristas ou os futuristas estão certos em relação a 24:29 a 31. Parece-me que os futuristas levam a melhor sobre os preteristas nesse ponto, mas há alguns estudiosos renomados que adotam a visão preterista, mas, francamente, nunca consegui entender essa passagem. Agora, passamos do que talvez seja chamado de aspecto preditivo do Discurso do Monte das Oliveiras para o seu aspecto paranético ou exortativo, iniciando uma discussão sobre o que poderíamos chamar de linguagem parabólica sobre a figueira em 24:32 a 35.

Para começar a expor esta passagem, neste ponto, Jesus passa de um discurso preditivo para um discurso paraneticamente prático. A partir daí, seu objetivo não é fornecer informações adicionais para responder à pergunta dos discípulos em 24.3, mas exortá-los a responder adequadamente às informações que ele lhes deu. Isso pode não ser o que os discípulos querem saber, mas é o que eles precisam saber.

Mateus 24:32 a 35 expressa parabolicamente a proximidade da vinda de Cristo. Os contemporâneos de Jesus estão familiarizados com o processo pelo qual a figueira brota, floresce e, finalmente, frutifica no verão, Mateus 24:32. Assim, ele compara sua vinda a esse processo em Mateus 24:33. Os sinais sobre os quais os discípulos perguntaram em Mateus 24:3 são representados pelo brotamento da árvore na primavera, e sua vinda é simbolizada pelo verão, quando o fruto nasce. Quando os discípulos veem os sinais da primavera, sabem que o verão está se aproximando.

A certeza dessas coisas é sublinhada por 24:34 e 35, que afirmam que os contemporâneos de Jesus observarão esses sinais e que as palavras de Jesus são eternamente confiáveis. Em dias de relativa paz e prosperidade como os que temos agora, é difícil levar essas palavras de Jesus a sério. Podemos ficar tão ocupados com os detalhes da vida cotidiana e com o desfrute dos frutos do nosso trabalho que nos esquecemos de que tudo pode acabar abruptamente, 24:37 a 42.

O ceticismo dos descrentes agrava o problema, influenciando os discípulos de Jesus a duvidarem de Suas palavras, 2 Pedro 3:3. Mas os verdadeiros seguidores de Jesus não ousam se acomodar demais com o status quo, pois ele certamente, se não rapidamente, dará lugar à vinda do Reino dos Céus à Terra. Agora, analisando a passagem teologicamente, há dois termos cruciais nesses versículos que precisam ser explicados. Primeiro, o que Jesus quis dizer com a expressão "todas essas coisas" em 24:33 e 34? Essa expressão se refere aos sinais preliminares que antecipam a vinda de Jesus, não à vinda em si.

Isso fica claro na imagem parabólica usada por Jesus. Se todas essas coisas incluíssem a vinda de Jesus, 24:33 estaria dizendo: quando virem a vinda de Jesus, saberão que Ele está próximo. Mas isso seria uma tautologia, uma afirmação óbvia que não precisaria ser feita.

Jesus não insistiria tanto no óbvio e diria algo óbvio. Por outro lado, se a frase "todas estas coisas" se refere apenas aos sinais preliminares, então a afirmação faz sentido, visto que a visualização dos sinais confirma que a vinda está próxima . O segundo termo crucial nesses versículos é esta geração.

Embora existam alguns estudiosos futuristas que argumentam que a palavra geração se refere à nação de Israel como um todo ou à geração escatológica que está viva no retorno de Jesus, observe que, como expositores como Toussaint e Walvoord adotam essa visão em seus comentários, o uso do termo por Mateus mostra claramente que Jesus estava se referindo a seus contemporâneos. Pegue sua concordância e verifique o termo "esta geração". Acho que você precisa chegar a essa conclusão.

Estudiosos que argumentam o contrário optam por uma compreensão desta geração, o que é contrário ao uso claro de Mateus, porque desejam proteger Jesus de afirmar que sua vinda ocorrerá durante a vida de seus contemporâneos. Mas se Jesus estava falando apenas dos sinais preliminares que auguram sua vinda, ele não errou. Como argumentado nos momentos anteriores, o termo "todas essas coisas" refere-se apenas aos sinais, não à vinda em si, e Jesus prediz que seus contemporâneos verão esses sinais, que incluem a destruição do templo pelos romanos em 70 d.C.

Passemos agora à necessidade de vigilância, expressa de forma parabólica e exortativa em 24:36-51. Em 24:36-51, Jesus continua a ênfase parabólica e paranética com a qual iniciou seu discurso em 24:32. Esta passagem tem três partes: a primeira enfatiza que o tempo do retorno de Jesus é incerto em 2436-42; a segunda, que os discípulos devem estar preparados para uma aparição inesperada de Jesus em 2443-44; e a terceira, argumentando que os discípulos devem obedecer fielmente ao seu mestre até que ele retorne, em 24:45-51.

A primeira parte faz uma analogia entre os dias de Noé e os últimos dias. Compare 2 Pedro 3, versículos 3-7. Ela alerta contra a preocupação com a vida cotidiana, que não leva em conta o iminente julgamento divino.

Em vez disso, é necessário estar alerta, 24:42. A segunda parte fala, em tom parabólico, de um dono de casa que não sabe que sua casa está prestes a ser assaltada. Os discípulos são implicitamente instruídos a não imitar o dono da casa, mas a se prepararem para o retorno inesperado de Jesus, 24:44 .

A terceira parte dá continuidade à imagem parabólica, na qual o dono da casa confia ao seu escravo uma tarefa a cumprir durante sua ausência. Dois cenários hipotéticos são apresentados: o primeiro envolve um bom escravo que é recompensado por sua fidelidade, 24:47; o segundo, um escravo mau cujo comportamento devasso justifica a ira do senhor, em 24:50-51. Essa imagem alerta os discípulos para não se iludirem com um estilo de vida pecaminoso, com a ideia de que Jesus não retornará tão cedo.

Todas as três partes da passagem enfatizam a necessidade de os seguidores de Jesus estarem alertas, preparados e ocupados com os negócios de seu mestre até o seu retorno. Mateus 25 dará continuidade a essa ênfase parabólica e paranética. O ensino claro de que o retorno de Jesus será inesperado expõe a insensatez daqueles cujo estado de alerta escatológico oscila conforme as últimas notícias vindas do mundo todo.

Existem aqueles sensacionalistas presunçosos, se me permitem usar esse termo, cuja noção de profecia os leva a um escrutínio constante dos eventos mundiais, especialmente os mais recentes no Oriente Médio, em uma busca quase frenética por supostos cumprimentos proféticos que sinalizam o fim do mundo. Esses indivíduos, evidentemente, têm a impressão de que ladrões tentam assaltar casas quando os donos estão em casa com todas as luzes e o alarme eletrônico ligados. Suas vozes oscilam em proporção direta ao grau de tensão entre Israel e os palestinos.

Mas, segundo Jesus, momentos de crescente tensão mundial teriam menos probabilidade de prenunciar o retorno de Cristo do que momentos de relativa prosperidade e tranquilidade. Compare com 1 Ts 5:1-3. De qualquer forma, os discípulos de Jesus devem estar constantemente ocupados com os negócios do Mestre, aguardando vigilantemente o seu retorno.

A correção da escatologia de alguém é, em última análise, uma questão de ética, não de capacidade de especulação. Agora, em termos da teologia desta passagem, primeiro, examinamos sua cristologia. Pode ser surpreendente para aqueles que defendem a doutrina ortodoxa clássica da Trindade e que, como resultado, têm uma visão elevada de Jesus, aprender deste texto que ele afirmou não saber o tempo de seu retorno à Terra.

Mas este texto, bem como seu paralelo em Marcos 13:32, e o comentário posterior de Jesus aos seus discípulos em Atos 1:7, todos têm em comum o fato de que somente o Pai guarda esse detalhe em seu próprio e inescrutável conselho. Como isso pode ser possível à luz da preexistência e divindade de Jesus não é facilmente explicado. No entanto, é claro que a encarnação de Jesus envolveu a limitação do uso de seus atributos divinos.

Filipenses 2:6 a 8, por exemplo. Como ser humano, Jesus sentiu fome, sede e cansaço. Observe passagens como Mateus 4:2 e 21, 18, bem como João 4:6 e 19:28.

Jesus foi capacitado pelo Espírito de Deus para seu ministério e seus milagres. 3:16, 4:1, 12:18 e 28. Compare Lucas 3:22, 4:1, 14 e 18, Atos 10:38 e João 1:32 e 3:34.

Após a tentação, Jesus precisou de ministério adicional dos anjos. Mateus 4:11 comparado a Lucas 22:43. Ao contemplar o retorno ao Pai, Jesus pediu a restauração de suas gloriosas prerrogativas pré-encarnadas em João 17:1 a 5. Os cristãos evangélicos estão compreensivelmente preocupados com este texto, mas devem atentar para sua ênfase na genuína humanidade de Jesus, a quem Paulo afirmou ser o único mediador entre Deus e a humanidade em 1 Timóteo 2:1 a 5. No que diz respeito à escatologia desta passagem, um detalhe tem sido objeto de extensa discussão entre evangélicos de inclinação futurista.

Esta é a linguagem da separação, na qual um é levado e outro deixado na vinda de Jesus, 24:40-42. Aqueles que defendem a teoria de um arrebatamento pré-tribulacional da igreja, distinto do retorno de Jesus à Terra após a tribulação, 24:29, debatem se 24:40-42 fala do arrebatamento tirando os crentes da Terra e deixando os incrédulos. A dificuldade em chegar a uma conclusão sobre este assunto é dupla.

Primeiro, Jesus não fala aqui em termos que se aproximem da distinção entre um arrebatamento pré-tribulacional e uma vinda à Terra pós-tribulacional, como Paulo provavelmente faz se compararmos 1 Ts 4:3-18 com 2 Ts 1:6-10. Segundo, a linguagem de que um é levado e outro é deixado é ambígua. Na analogia do dilúvio de Noé, os levados foram arrastados pelo dilúvio, e os que foram deixados foram protegidos na arca, 24:38-39, compare com 1341. Mas a imagem de 2431 parece envolver a tomada ou reunião dos escolhidos de Deus, não daqueles prestes a serem julgados; observe 3:12 a esse respeito.

A melhor parte da sabedoria nesta questão é considerá-la como uma distração irrefutável do peso da passagem, que é enfatizar o estado de alerta. Ironicamente, em casos como este, é possível que a exegese degenere em uma busca pedante que distraia o aluno do verdadeiro ensinamento da passagem. O debate intelectual sobre as complexidades de um texto não deve ocorrer em detrimento da obediência às suas diretrizes éticas.

Deus nos livre de ficarmos tão preocupados discutindo sobre esses detalhes a ponto de não estarmos prontos para encontrar Jesus quando Ele vier. Agora, passamos para a parábola das virgens prudentes e insensatas em 25:1-13. A parábola das virgens prudentes e insensatas demonstra pela última vez no discurso que o tempo do retorno de Jesus é incognoscível. Compare com 24:3, 36, 39, 42-44, 50 e 25:13. Esta tese foi apresentada proposicionalmente em 24:36 e depois ilustrada historicamente a partir dos dias de Noé em 24:37-42. Também foi ilustrada parabolicamente a partir de um ladrão inesperado em 24:43, um escravo bom em 24:45-47 e um escravo mau em 24:48-51. Como se essas demonstrações anteriores do assunto não fossem suficientes, a presente parábola ilustra isso de outra área familiar: os costumes do casamento.

Esperando a chegada imediata do noivo para dar início à festa de casamento, cinco das damas de honra, tolamente, não se prepararam para o anoitecer, levando óleo para suas lâmpadas, mas outras cinco, sabiamente, se prepararam para um atraso. A tolice do primeiro grupo resultou em perderem o noivo e serem banidas da festa de casamento, mas os sábios preparativos do segundo grupo as levaram a compartilhar a alegria do casamento. A interpretação desta parábola foi desnecessariamente complicada pelo excesso de alegorização.

É sem dúvida verdade que festas de casamento e lâmpadas são usadas metaforicamente em outras partes das Escrituras. Veja Apocalipse 1:12 e 13, Apocalipse 19:7 e 9. O próprio Jesus indica que as características de certas parábolas têm correspondências detalhadas com a realidade, como a parábola do semeador em Apocalipse 13:18-23, a parábola do joio e do trigo em 37-43 do capítulo 13, e a parábola da rede de arrasto em 13:49-50. Mas, no caso da presente parábola, Jesus fornece apenas uma conclusão generalizante em Apocalipse 25:13. Jesus não entra em muitos detalhes na interpretação desta parábola. Portanto, parece bastante claro que Jesus é o noivo, cuja chegada é adiada, e que as virgens prudentes e tolas simbolizam discípulos alertas e displicentes.

A expectativa do noivo se presta perfeitamente ao ponto de preparação alerta para a vinda de Jesus, mas não se deve preocupar se o arrebatamento dos crentes ou o retorno de Jesus à Terra está em vista. Tampouco se deve sucumbir à tentação comum de identificar o óleo da parábola com o Espírito Santo, ou enfatizar que a salvação não pode ser transferida de uma pessoa para outra. Talvez tais especulações sejam exercícios intelectuais agradáveis, mas desviam a atenção do imperativo ético encontrado em 25:13, que é estar pronto.

Ironicamente, tal jogo teológico pode ser equivalente às atividades que desviaram a geração de Noé da consciência de seu julgamento iminente. Compare 24.38 e 29. A falta de prudência da dama de honra tola é semelhante à tolice do homem que construiu sua casa na areia, retratando alguém que não obedeceu às palavras de Jesus.

Em 7:24 a 27, uma comparação entre 24:48 e 25:5 mostra que a lição desta parábola é a mesma do escravo mau. Em ambos os casos, postula-se algum atraso no retorno de Jesus, mas as duas reações ao atraso são opostas, e nessas reações opostas há uma lição crucial. O escravo mau superestimou irresponsavelmente o atraso do retorno do senhor e ficou desagradavelmente surpreso com a chegada aparentemente antecipada deste.

Por outro lado, as damas de honra tolas subestimaram levianamente o atraso na chegada do noivo e não se prepararam para a ocasião. A atitude indiferente do escravo mau em relação ao retorno do senhor é semelhante à geração de Noé e do dono da casa, nenhum dos quais esperava um problema, 24:36 a 44. Nenhum dos dois estava alerta e pronto.

Mas as virgens tolas levaram a prontidão ao extremo, não planejando qualquer atraso. Elas não estão preparadas para perseverar até o fim, o que é enfatizado em 10:22, 13:20 e 21, e 24:13. A partir desses erros opostos, a igreja aprende que não pode presumir nem que Jesus retornará imediatamente, nem que ele retornará eventualmente. A igreja deve esperar Jesus constantemente, mas, ao mesmo tempo, deve perseverar e planejar o ministério futuro em casos que se atrasarem.

Esses dois deveres devem ser mantidos em tensão dinâmica para que a igreja seja fiel aos ensinamentos de seu mestre. Compare Lucas 12:35 e 36. Agora, voltemos à parábola dos três servos, às vezes conhecida como a parábola dos talentos.

A estrutura desta parábola é completamente simétrica, como você pode ver no gráfico que fornecemos na página 44 dos seus materiais suplementares. Temos três ciclos, eu diria, nos quais os servos de cinco, dois e um talento recebem primeiro seus talentos, depois respondem de várias maneiras ao recebimento dos talentos e, então, Deus, representado pelo mestre, os recompensa por sua resposta aos talentos recebidos. Portanto, 5:2, 1:5, 2:1, 5:2 e um servo são a mesma ordem repetida três vezes.

Cada uma dessas cenas sucessivas, porém, é um pouco mais longa que a anterior, então há uma espécie de construção dramática ali, com a maior ênfase no final sendo colocada na punição do escravo perverso. Portanto, a estrutura desta parábola é bastante interessante. Confira e analise-a um pouco por conta própria. Se as parábolas anteriores foram sobre o estado de alerta, então esta é sobre a mordomia fiel que o estado de alerta produz.

Desta vez, a questão não é se os escravos ficarão surpresos com o retorno do senhor, mas se serão confiáveis no uso de seus recursos. Seus dons os conduzem à realização de suas tarefas. Um detalhe fundamental desta parábola é que o senhor confiou seus recursos aos escravos de acordo com suas capacidades individuais (25:15).

O terceiro escravo recebe apenas um talento, então o senhor evidentemente percebe que tem menos habilidade do que os dois escravos anteriores. Mas ele deveria ter ganhado algo com o talento, e não ganhou. Ele não recebeu cinco talentos, e não se espera que ganhe cinco talentos.

Mas ele não tem permissão para ganhar absolutamente nada. Enquanto as damas de honra tolas achavam que sua tarefa era mais fácil do que na verdade era, o escravo preguiçoso achava que sua tarefa era mais difícil do que na verdade era. Blomberg faz esse comentário.

A questão é que, se os seguidores de Jesus forem fiéis a ele durante sua ausência, serão bons administradores das oportunidades e habilidades que ele lhes confiou. Sobre fidelidade, observe passagens como 12:42, Romanos 12:6 e seguintes, 1 Coríntios 4:1 e 2, 7:7, 12:4 e seguintes, Efésios 4:7 e 8, Tito 1:7, 1 Pedro 4:10. A vigilância exige esforço e participação ativa na obra do reino. Talvez o conhecido clichê seja apropriado aqui.

Tente grandes coisas para Deus, espere grandes coisas de Deus. Os discípulos não devem fazer, por assim dizer, investimentos instáveis com os recursos do seu Senhor, mas também não podem justificar sua preguiça com a falsa desculpa de que não sofreram perdas. Garland ressalta bem que, quando Cristo retornar, Ele não perguntará se alguém acertou a data, mas o que você tem feito? Agora, passamos para Mateus 25, versículos 31 a 46, frequentemente chamada de parábola das ovelhas e dos bodes, mas não exatamente uma parábola, sendo melhor entendida como uma figura parabólica, talvez do juízo final.

Assim, o discurso final de Jesus, o Discurso do Monte das Oliveiras, tem como seção final o julgamento final. Este discurso começou com a pergunta dos discípulos sobre a vinda de Jesus em 24:3 e termina com sua vinda para julgar todas as nações em 25:31. Mas a pergunta dos discípulos era principalmente sobre o momento da vinda de Jesus, e não há cronologia aqui. Esta passagem trata do significado da vinda de Jesus, não do seu momento.

Equivale a uma exposição de 24:29 a 31. 24:29 a 31 contém toda aquela linguagem apocalíptica e imagens cósmicas. Esta passagem descreve as coisas de uma forma muito mais prosaica ou proposicional.

Embora alguns considerem Mateus 25:31 a 46 como uma parábola, seus elementos metafóricos em Mateus 25:32b e 33 não se estendem por toda a perícope. Pode-se descrever esta seção como uma semiparábola, mas ela começa e termina como uma narrativa em prosa do julgamento das nações. A narrativa parece ter quatro partes, que falam do cenário do julgamento em Mateus 25:31 a 33, do convite aos justos para entrarem no reino em Mateus 25:34 a 40, do banimento dos ímpios para o fogo eterno em Mateus 25:41 a 45 e da conclusão quiástica em Mateus 25:46. Tentamos apresentar esta parábola, muito bem estruturada simetricamente, de duas maneiras diferentes na página 45 do material suplementar.

Na metade superior da página, um esboço mais simples mostrando a estrutura quiástica, e na metade inferior, o progresso na forma simétrica como o rei trata tanto as ovelhas quanto os bodes. Em seguida, a conclusão, que trata primeiro do destino dos bodes e, em seguida, do destino das ovelhas, mostra a estrutura quiástica básica da perícope geral. Em geral, esta seção final sobre o juízo final acrescenta a lição da compaixão às lições de alerta em 24:32 a 25:13 e de fidelidade em 25:14 a 30. Estas já foram inculcadas como a resposta ética adequada à vinda de Jesus, e agora temos a compaixão adicionada a elas.

Portanto, as três coisas que temos a nosso favor como crentes, se compreendemos a vinda de Jesus, são a vigilância, o serviço fiel e a compaixão pelos necessitados. Tirando isso, realmente não importa qual tipo de teoria escatológica defendemos, porque estamos errados. Jesus ensina seus discípulos em Mateus a amar todas as pessoas, até mesmo seus inimigos.

Compare com 5:47. Mas é preciso haver amor e preocupação especiais pelos condiscípulos. Pregadores itinerantes precisariam especialmente do tipo de ministério mencionado em 25:35 e 36. Compare com 10:40 e 3 João 5-8.

Mas é duvidoso que se trate apenas de pregadores itinerantes. Jesus é identificado com seus discípulos, e eles são identificados com ele. São perseguidos devido à sua ligação com ele.

Observe 5:11, 10:18, 22 e 25, bem como 23:34. Recordamos também aqui as palavras que nosso Senhor dirigiu a Saulo, que se tornou Paulo em Atos, capítulo 9: "Saulo, Saulo, por que me persegues?", visto que Jesus se identifica tão intimamente com o seu povo. Portanto, é bem provável que a privação dos irmãos mais novos de Jesus em 25:35 e 36 se deva ao seu testemunho de Jesus. Quando alguém demonstra misericórdia a um seguidor de Jesus, em um sentido profundo, está demonstrando misericórdia ao próprio Jesus.

De fato, há muitas questões interpretativas a respeito desta passagem, quanto ao seu significado geral e à compreensão de alguns de seus detalhes. Os dispensacionalistas argumentam que a passagem não fala de um julgamento geral da humanidade ressuscitada, mas do julgamento das nações vivas que estiverem vivas na Terra no retorno de Cristo. O padrão de julgamento é o tratamento que darão ao remanescente judeu durante a tribulação.

Veja Toussaint e Walvoord e os comentários dispensacionalistas mais antigos para esta interpretação. Sem dúvida, o contexto e a linguagem da passagem podem se prestar a esta interpretação, mas é duvidoso que Jesus esteja sendo tão preciso quanto o sistema dispensacionalista moderno de uma série de julgamentos no fim dos tempos. Uma questão mais exegeticamente orientada é a identidade dos menores destes meus irmãos e irmãs, que literalmente seriam estes menores dos meus irmãos.

Alguns consideram as nações reunidas para este julgamento como aqueles que nunca ouviram o evangelho e que são julgados com base na luz que receberam. Mas o próprio Jesus parece desconsiderar essa ilusão em 11:27. Aqueles inclinados a um evangelho de cunho social veem a passagem como uma ênfase na necessidade de misericórdia para com todos os necessitados.

Barclay, na Bíblia de Estudo Diário, o comentário de Baer e Davies e Allison, todos defendem essa visão. Cabe aqui reconhecer a vida incrivelmente sacrificial de Madre Teresa, que frequentemente citava esta passagem nesse sentido. Sem dúvida, os discípulos de Jesus deveriam praticar atos de misericórdia para com os necessitados.

Isso não deixa dúvidas. Veja 9:13 e 12:7. Mas é duvidoso que os irmãos mais novos de Jesus aqui devam ser identificados com os necessitados em geral. A visão dispensacionalista de que a passagem fala do tratamento dado ao remanescente judeu pelos gentios durante a tribulação escatológica provavelmente interpreta a passagem de forma muito restrita.

Mas compreende corretamente a relação entre a crença em Jesus e atos de misericórdia para com os outros. Contudo, todas essas visões parecem ignorar ou minimizar o fato de que, em Mateus, os pequeninos são de fato a verdadeira família de Jesus. Compare 10:40 com 42.

E 12:46 a 50. Além disso, eles parecem ignorar ou minimizar o fato de que os irmãos de Jesus estão espiritualmente relacionados a ele. 5:22 a 24.

E versículo 47. Capítulo 7, versículos 3 a 5:12, 48 a 50. 18:15, 21 e 35.

23:8. 28:10. Todas essas passagens apontam que a verdadeira família de Jesus são aqueles que creem nele. Portanto, não ousemos causar a ruína espiritual desses pequeninos.

18:6. E é preciso perdoar sinceramente se um deles pecar contra o outro. 18:21 e 35. Na comunidade de Jesus, a ânsia do mundo por status e prestígio está fora de lugar, já que todos os discípulos de Jesus são irmãos e, se preferir, irmãs na mesma família.

20:20 a 28. E 23:8 a 10. Portanto, parece estar claro em Mateus que os irmãos mais novos de Jesus são cristãos, talvez pregadores do evangelho que recebem misericórdia como padrão de julgamento aqui.

Esta passagem também aborda a terrível questão da doutrina do castigo eterno. Embora pareça que a doutrina da aniquilação dos perdidos esteja crescendo em popularidade, a justaposição de vida eterna e castigo eterno em 2546 torna tal noção uma ilusão teológica. As descrições de Mateus sobre o destino dos perdidos falam de tempos de fogo.

Veja 3:12, 13, 40 e 50. 18:8 e 9. 25:41 e 46. E compare com 2 Tessalonicenses 1:8, 2 Pedro 3:7 e Judas 7. Também Apocalipse 14:10, 19:20, 20:10, 20:14 e 15, e 21:8. Em outras ocasiões, o destino dos perdidos é descrito como escuridão profunda.

Veja 8:12, 22:13, 25:30 e compare 2 Pedro 2:4, Judas 6 e Judas 13. O terrível horror da separação eterna de Deus é vividamente expresso por ambas as metáforas. Agora, rapidamente, para o resumo e a transição.

As dificuldades na interpretação de Mateus 24 e 25 servem para lembrar os cristãos de suas limitações como seres humanos finitos. Quando professores bíblicos com igual erudição e devoção não conseguem concordar sobre os detalhes de uma passagem, deve-se evitar o dogmatismo e manter a mente aberta para mais instruções. Mateus 24 e 25 mostra claramente que a profecia bíblica não é mera previsão ou adivinhação.

Apenas 24:4 a 31 responde diretamente à pergunta dos discípulos sobre o futuro, e mesmo a seção futurista enfatiza a necessidade de obediência ética. Há uma ênfase na escatologia em cada um dos quatro primeiros discursos de Jesus, então não é surpreendente que Jesus termine todos os seus ensinamentos em Mateus com escatologia. Quando Jesus conclui todas as suas palavras, ele conclui o ensinamento que ordena aos seus discípulos que perpetuem e inculquem em seus companheiros seguidores de todas as nações da Terra.

Com este magnífico corpo de ensinamentos agora concluído, os eventos se moverão rapidamente em direção à sua entrega para ser crucificado em 26:2. Ele dará a sua vida como resgate por muitos, para salvar o seu povo dos seus pecados e inaugurar a nova aliança em seu sangue.